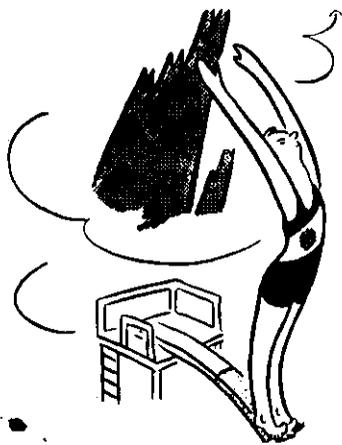


O Altruísta e o Salto Ginástico



Sobre a piscina, cai radiante o sol do meio-dia.

De um trampolim de três metros, alguns nadadores ensaiam qual o melhor salto artístico. Continuamente a luz do sol dá reflexos prateados de braços molhados e um corpo se lança no espaço e desaparece espargindo água. Às vezes, salpicam gotas até a borda da piscina, onde se acha sentado um homem pequeno, delgado, de longo e negro paletó e solene chapéu de chuva. Entre a policromia dos "maillots" e dos roupões dos nadadores, parece um velho corvo angustiado entre um bando de papagaios tagarelas. Com uma emoção penosamente dissimulada, acompanha com os olhos cada salto, como si se tratasse de um campeonato olímpico.

De súbito, sua atenção é desviada. Do lado oposto à piscina, aparece um homem com um megafone e ordena: "Atenção: Preparar para saltar!"

O homenzinho do guarda-chuva sofre um abalo nervoso. Como a implorar socorro, olha para todos os lados, e como ninguém lhe dá atenção, esforça-se dentro de sua fraqueza e toca de leve o ombro de seu vizinho, um esbelto rapaz de compleição atlética.



— Perdão, jovem — diz-lhe timidamente — Que foi que esse senhor disse pela busina? Terá ele mandado saltar?

O adolescente vira-se lentamente e observa seu estranho interlocutor de alto a baixo. Em seus olhos se revela o assombro de uma vaca surpreendida de lhe haver nascido um bezerro com duas cabeças...

— Sim, senhor — responde-lhe — Vem agora os saltos de dez metros.

Os olhos do homenzinho se abrem desmesuradamente, com um espanto indescritível.

— Que! Dez metros! Não pode ser! Não há engano?

O assombro do jovem se transforma em um sorriso piedoso.

— Não senhor. Não há engano. Vê essa torre? Pois é de lá de cima que vou saltar...

O homem do guarda-chuva mirava embasbacado para aquele trampolim lá em cima, quasi nas nuvens.

— Mas de lá de cima ninguém se atira. Só si houver alguém para empurrar — disse incrédulamente, mas já procurando uma possibilidade.

— Nada disso. Saltam voluntariamente. E' claro.

— Claro? Não acho! São dez metros de altura: E' horrível! E' um Monte Branco em miniatura! E' um meio Everest!

— Nem tanto! Não exagere. Dez metros são uma altura normal para um ginasta.

— Si a situação não fosse tão séria, era caso para rir. Então, chama altura normal a um semi-Chimborazo?

O jovem já começa a se impacientar.

— Você sabe lá o que é normal ou não? Quando eu lhe disse que 10 metros era normal, você não tinha nada que replicar! Eu entendo do assunto e você não sabe nada! Está de acôrdo?

— Claro que sim! Mas não precisa se exaltar! — diz-lhe o velho manuseando o guarda-chuva. — Mas permita-me uma objeção. Si eu, por exemplo, me atiro do 3º andar de minha casa à rua, aposto meu paletó contra seu roupão, que os jornais todos não dirão que foi uma coisa normal; todos me atribuirão propósitos suicidas.

— Mas isso é outra coisa! — diz o atleta com enfado. Neste caso, você cai no asfalto duro e moí os ossos.

— Quem foi que lhe disse isso! Defronte a minha casa, há um canteiro de flores.

— E' quasi a mesma coisa. Seja lá como for, você não pode comparar um salto nágua com um salto sobre um canteiro de tulipas.

— Que tulipas, meu jovem? São rosas! Rosas de talo curto. Rosas lindas, que dá gosto vê-las.

— Seja lá o que quiser. Mas pare de falar, que os saltadores já começam a escalar a torre.

— Ah! Meu Deus! Isso me dá até vertigem! Você estará seguro, meu jovem, que é menos perigoso atirar-se nágua do que em um leito de rosas? Porque, afinal de contas, alguém pode afogar-se, não é mesmo?

— Afogar-se nada! Todos são bons nadadores.

— E' possível. Mas si alguém cai de barriga e desfalece? Quando eu era moco, já me aconteceu isso uma vez e tive-rant depois que me esvaziar a barriga que se encherá d'água. Tomei um "caldo", compreende? E nunca mais quis saber desta perigosa brincadeira.

O jovem ri-se irônicamente.

— A você, acredito que tenha acontecido isto. Mas estes aqui são outra gente, gente que não cai de barriga...

— Falar é mais fácil. Mas... e si dá cainbra nas panturrilhas?

— Si isso se der, há muita gente aqui na piscina para socorrer qualquer caso destes.

— Muita gente... — diz o homenzinho do guarda-chuva com pessimismo. — muita gente para assistir, para divertir-se, mas para salvar um afogado não há ninguém. Você, por exemplo, seria capaz de atirar-se à água para salvar alguém?

— Ora essa! Naturalmente que sim! Para isto, aqui estou, sempre pronto a meter-me nágua. Veja!

E dizendo isto, abriu o roupão, dentro do qual estava um corpo mirrado, vestido com um "maillot" listado horizontalmente de branco e preto, peito envolto em um salva-vidas de cortiça, e cadeiras

amarradas a uma longa e grossa corda de cânhamo.

— E' a corda de salvamento — diz com orgulho ao velho do guarda-chuva. — Minha mulher até fez barulho, quando eu trouxe esta corda de casa, porque precisava dela para estender roupa para secar; mas, compreende, a vida de nossos semelhantes está acima destas coisas prosaicas dos ambientes domésticos.

O jovem se vira para o outro lado precipitadamente e morde os dedos para não estourar de rir.

— E'... é enternecedor — diz o velho. E acrescenta com modéstia:

— Dever de humanidade, jovem, nada mais.

Aterrado, o velho depara com o primeiro saltador que chega ao trampolim, e en-saia dizer umas coisas, mas nada exprime.



— Que é que tem? pergunta o jovem com alguma solicitude.

— Veja! Não está vendo? Aquele de calça verde que vai atirar-se!

— Deixe que ele se atire. A posição dêle é que não está boa.

O homenzinho larga o guarda-chuva e afasta-se desesperadamente do gradil.

— Isto é falta de consciência! Um homem se lança no abismo, lança-se à perdição e você ainda lhe reprova a postura das pernas? Onde está ele? Onde está ele? Está morto já com certeza!

— Não se afobe! Ele já está saindo da piscina. Olhe!

O homem do guarda-chuva dá um profundo suspiro de alívio e enxuga o suor frio que lhe corre abundantemente da testa.

— Ola graças! Já está saindo da piscina. — diz com alegria. — Já lá se vai para a cabine. Posso ir-me embora para casa, descansado.

— Ir-se embora? Como é isso? — pergunta-lhe o jovem esportista estupefacto. — E os outros? Porque não se afoba por eles? Crê então que aos outros não acontecerá nada?

O homenzinho do guarda-chuva abotoa calmamente o paletó comprido e se dispõe a marchar.

— Que me importam os outros — diz friamente — Sou o alfaiate que fez aquela calça verde e tenho que receber dêle trescentos mil réis.

